

UMA ANÁLISE SEMIOLINGUÍSTICA DO ENSINO DE LEITURA VEICULADO PELA REVISTA *NOVA ESCOLA* (2010-2012): *VISADAS E ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS*

Anabel Medeiros de Azerêdo
Mestrado/UFF
Orientadora: Beatriz dos Santos Feres

Sabe-se que a metodologia escolar para o ensino de leitura vem passando por transformações ao longo do tempo devido às abordagens diferenciadas que permeiam o fazer pedagógico, cujo enfoque não se faz necessário a essa pesquisa. Sabe-se também que os movimentos de mudanças em busca de aprimoramento da atuação docente, no que se refere ao processo de ensino-aprendizagem, muitas vezes, são transmitidos no próprio espaço escolar público ou privado. Fora da escola, pode-se observar a contribuição da iniciativa privada para a atualização do professorado, como por exemplo, a promoção de materiais didático-pedagógicos produzidos por editoras privadas e a exibição de programas educativos em canais abertos de televisão. Percebe-se que a demanda por formação pedagógica levou à escola recursos destinados à pesquisa, tais como livros, jornais e revistas, além do acesso à internet. Contudo, o veículo de atualização docente mais acessível ao professor está no campo das produções impressas, especificamente: as revistas educacionais.

A busca por respostas e soluções aos problemas enfrentados pelo sistema educacional brasileiro - problemas esses frequentemente associados à falta de preparo dos professores para trabalhar em sala de aula - abriu espaço para um vasto mercado de publicações destinadas a esses profissionais, que surgiram com o objetivo principal de auxiliá-los em sua prática. (SILVEIRA, 2006: 7).

Por tratar-se de um veículo que conjuga características de áreas diferentes, como a comunicação e a educação, as revistas educacionais também estão sujeitas às leis do mercado. Desse modo, podem tender a sobrepor elementos da cultura midiática às questões pedagógicas, distanciando-se dos objetivos que deveriam ser propostos por

impressos dedicados à abordagem de questões relativas à educação e ao fazer pedagógico.

O gênero revista é categorizado no campo de produções impressas (FRADE, 2011: 106), conseqüentemente, ao das mídias impressas, devido à sua relação inseparável com o mercado editorial. As revistas educacionais, por sua vez, também possuem características próprias de outros tipos de revistas, contudo “os impressos educacionais constituem um corpus documental capaz de apresentar a multiplicidade e a diversidade do campo educativo no seu movimento histórico.” (NÓVOA, 2002: 11).

Do ponto de vista pedagógico, a imprensa pode fornecer à escola a informação de que tanto necessita para a formação dos professores, entretanto, o fenômeno da informação não ocorre sem que haja implicaturas significativas à recepção da mensagem transmitida, uma vez que “a informação não existe em si, em uma exterioridade do ser humano.” (CHARAUDEAU, 2010: 36). Além disso, a instância responsável pela veiculação da informação, a mídia, pode ser caracterizada de duas formas: como um organismo especializado, que tem a vocação de responder a uma demanda social por dever de democracia; e como empresa inserida em uma economia de tipo liberal, em situação de concorrência com relação a outras empresas com a mesma finalidade.

Portanto, apesar de a imprensa contribuir para o fornecimento de informações necessárias à atualização do profissional de educação, não se pode ignorar o fato de que as mídias, encarregadas da veiculação da informação, estão marcadas por características de sua própria identidade e função social. Dessa forma, considera-se que, não sendo possível o apagamento total de posicionamentos históricos, sociais e políticos no processo de transmissão da informação, o que o leitor/ouvinte/expectador da informação recebe é a construção de um acontecimento.

A produção no campo educacional caracteriza-se pela abordagem de ideias, conceitos, práticas e questões educacionais que às vezes permanecem em pauta durante anos (FRADE, 2011: 114). É por essa razão, inclusive, que as revistas educacionais podem ser consultadas após algum tempo por professores, pesquisadores (alunos/acadêmicos), diferentemente das revistas de informação em geral, cujo interesse concentra-se no fato que será transformado em notícia. Beurier (*apud* SILVEIRA, 2006: 7) enfatiza a função orientadora atribuída às revistas educacionais, como guia da prática cotidiana, oferecendo ao professor informações sobre o conteúdo e o espírito dos

programas oficiais, a condução da classe e a didática da disciplina. Portanto, devido à finalidade de sua produção, as revistas educacionais deveriam apresentar características que as diferenciassem de outros periódicos, no que tange à linguagem, aos gêneros textuais utilizados, à diagramação, ao *design* etc.

Ao se observar o formato gráfico da referida revista, percebe-se características que não se assemelham ao perfil de periódicos educacionais: além do *design* e da diagramação, próprios de revistas de informação geral, há diferenças significativas também quanto aos gêneros textuais e à linguagem usados para compor as matérias de *Nova Escola*, que possibilitam uma localização e uma leitura tão rápidas quanto as pretendidas pelas revistas de informação (FRADE, 2011: 120) . Quanto ao modo de organização do discurso, percebe-se que a enunciação da revista se realiza por meio do comportamento alocutivo, no qual o sujeito falante implica um interlocutor e lhe impõe um comportamento ou uma reação, estabelecendo-se uma relação de influência, manifestando a posição de superioridade do locutor em relação ao seu interlocutor (CHARAUDEAU, 2008: 82).

Como a revista é escrita por jornalistas e não por professores, diferentemente de outros periódicos dessa área, as questões referentes à Educação são abordadas por meio de estratégias de captação, tais como a citação frequente de pesquisadores e relatos de experiências de professores e educadores da Educação Básica, com a finalidade de legitimar a fala do sujeito enunciativo e garantir sua credibilidade junto ao público-alvo.

Em relação ao ensino de leitura, observam-se concepções conflitantes sendo abordadas pela revista, algumas vezes, na mesma matéria. Face à importância que o ensino de leitura possui para a inserção social, urge a necessidade de fontes que ofereçam subsídios críveis à pesquisa. Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCNs – Língua Portuguesa, 1997, p.33) primam pela valorização do ensino de leitura como “via de acesso a mundos criados pela literatura e possibilidade de fruição estética”, para que os alunos sejam “capazes de recorrer aos materiais escritos em função de diferentes objetivos”. Portanto, pode-se perceber que a revista *Nova Escola* apresenta concepções híbridas de leitura, algumas em desacordo com as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Pressupostos teórico-metodológicos

A situação de comunicação em que se encontram a revista *Nova Escola* e seus leitores é a de monolocalização (CHARAUDEAU, 2005: 24). Isso quer dizer que, enquanto parceiros de troca linguageira, a revista e seus leitores estão ligados por um contrato de troca postergada, uma vez que não se fazem presentes no ato de comunicação. O ato de comunicação põe em relação duas instâncias: uma de produção e outra de recepção. Sendo assim, a instância de produção comportará dois sujeitos: o eu comunicante (EUc), organizador do conjunto de produção (num lugar externo); e o eu enunciativo (EUe), organizador da enunciação discursiva da informação (num plano interno). Por outro lado, na instância de recepção há um sujeito interpretante (TUi), (num ponto de vista externo); e um tu destinatário (TUd), (no nível interno). (cf. CHARAUDEAU, 2008: 45).

Ainda segundo Charaudeau, ao se tratar do contrato de comunicação midiático, não há desdobramento do pólo de produção, uma vez que esse lugar é preenchido por uma entidade composta de muitos atores: diretores, editores, jornalistas etc. Por essa razão fala-se em instância midiática para se referir à instância global de produção (CHARAUDEAU, 2010: 73). Isso pode ser verificado quando o jornalista, que assina a matéria publicada na revista *Nova Escola*, não é reconhecido como o sujeito informador, mas sim a revista. O próprio leitor desinteressa-se pela autoria das reportagens, uma vez que ele as atribui à revista.

À semelhança do que ocorre no ato de comunicação, no contrato de comunicação midiático, a instância de recepção também se divide em sujeitos. No entanto, o TUd passa a ser chamado destinatário-alvo e o TUi, receptor-público. Quanto à identidade da instância de recepção, a revista *Nova Escola* visa um público-receptor composto por professores do Ensino Fundamental, das redes públicas e particulares de ensino, além de diretores, orientadores educacionais e estudantes de pedagogia ou de cursos de licenciaturas. Contudo, o destinatário-alvo acaba sendo o leitor-médio, identificado como aquele professor que se considera atrasado, com *déficit* de conhecimento, formação e atualização, incapaz de compreender o currículo escolar e o que se espera dele enquanto profissional, mas competente o suficiente para compreender o que está sendo veiculado através da revista (RAMOS, 2009: 82).

O ato de comunicação é construído por uma intencionalidade psico-sócio-discursiva do sujeito falante, denominada *visada* (CHARAUDEAU, 2004: 23) e, isso determina a expectativa do ato de linguagem. No contrato de comunicação midiático, a

instância midiática seleciona as *visadas* de informação e de incitação, proeminentemente, para construir sua enunciação, uma vez que possui como finalidades oferecer informação e impulsionar comportamentos. A revista *Nova Escola*, também seleciona as *visadas* próprias do contrato de comunicação midiático, entretanto, percebe-se que a revista também seleciona *visadas* de instrução e de prescrição, quando se dirige ao professor para ditar-lhe o que se deve fazer e como deve ser feito.

Breve Análise do Corpus

Para constituir o *corpus* dessa análise, decidiu-se elencar edições da revista que compreendem os anos 2010, 2011 e 2012 a fim de que uma análise de ordem qualitativa permitisse uma amostragem recente das concepções de leitura presentes na revista *Nova Escola*.

A edição nº 234 da revista *Nova Escola* trouxe uma série de reportagens sobre leitura, que se intitulou “Literatura, muito prazer”. Uma característica notável nessa edição é a interpelação da revista ao professor. Considerando o público-receptor da revista, o enunciado escolhido para apresentação dessa reportagem sugere certa desqualificação em relação ao próprio saber desses profissionais. Essa sugestão torna-se explícita no texto que segue abaixo do título:

A escola é um ambiente privilegiado para garantir muito contato com os livros. Conheça, passo a passo, os caminhos para ir além dos resumos e questionários de leitura e incentivar na garotada o gosto pelas obras literárias - mesmo que você não tenha familiaridade com esse tipo de texto. (NOVA ESCOLA, 2010, n. 234).

A informalidade expressa pelo pronome pessoal sugere proximidade e simetria entre a instância midiática e o receptor-público. O comportamento alocutivo expresso na forma verbal imperativa comprova a legitimidade da revista ao revelar-se detentora de um conhecimento que o seu destinatário não possui, portanto, por meio da combinação de *visadas* de prescrição e de instrução, percebe-se a intenção da revista em transmitir ao professor o conhecimento que ele deve ter.

No tocante ao trabalho com o ato de ler, nessa mesma edição, de acordo com a revista, para se aprender a gostar de ler é preciso intensificar a quantidade de leitura:

Para começar, é preciso compreender que, antes de analisar e refletir sobre os aspectos formais da literatura (história, linguagem etc.), os estudantes têm de gostar de ler. E isso só se faz de uma maneira: lendo, lendo, lendo. (NOVA ESCOLA, 2010, n. 234).

Essa asserção é conflitante com as concepções de leitura apresentadas neste trabalho, além disso, a revista não apresenta fundamentação teórica para afirmar que ler de maneira aleatória e forçosamente, como parece sugerir, desenvolva o gosto pela leitura. Considerar que o gosto pela leitura emerge da quantidade de livros lidos conduz à concepção de leitura como hábito, presente nessa mesma edição e em edições posteriores : “O que faz da poesia de cordel um instrumento capaz de estimular o hábito da leitura são características que costumam encantar as crianças...” (NOVA ESCOLA, 2011, nº 243); e “Transformar a leitura em um hábito regular requer bem mais do que infraestrutura.” (NOVA ESCOLA, 2012, nº 252).

Lajolo (LAJOLO, 1997: 107) considera um equívoco classificar a leitura como hábito: “espartilhada em hábito, a leitura torna-se passível de rotina, de mecanização e automação, semelhante a certos rituais de higiene e alimentação, só para citar áreas nas quais o termo hábito é pertinente.” Para Silva:

Ler é em última instância, não só uma ponte para tomada de consciência, mas também um modo de existir no qual o indivíduo compreende e interpreta a expressão registrada pela escrita e passa a compreender-se no mundo. (SILVA, 1992: 45)

A edição nº 234 também aponta para a concepção de leitura como *hobby*:

O ideal é que a rotina diária inclua momentos de leitura em aula e que os alunos sejam incentivados a levar exemplares para ler em casa – por *hobby* mesmo, sem que isso vire uma tarefa obrigatória. (NOVA ESCOLA, 2010, n. 234).

A palavra *hobby* possui origem inglesa, em português adquiriu o seguinte significado: “atividade de recreio ou de descanso, praticada, ger., em horas de lazer.” (FERREIRA, 2010: 401)

A leitura pode ser categorizada em três tipos fundamentais, a saber: leitura funcional, leitura de entretenimento e leitura literária (SOARES, 1999: 22). Apesar de destinar à leitura de entretenimento a representação do lazer, “aquela que se faz em busca do prazer, que traz satisfação emocional e identificações, ampliação do horizonte

peçoal para outros mundos e outros seres humanos”, não se exclui a possibilidade de que os outros modos de ler também causem o efeito de prazer. Contudo, considerar a leitura um *hobby* reduz o efeito de prazer causado pelo ato de ler, fixando-o à leitura que se realiza em horas de lazer.

Apesar de a revista tratar do ensino de leitura por meio de concepções conflitantes com as dos PCNs e dos estudos mais recentes, pode-se observar que ao mesmo tempo comporta abordagens que se assemelham a esse perfil, como pode ser observado na edição nº 251:

Como é possível notar, variadas interpretações conferem tons distintos ao personagem e ao desenrolar da trama. Por isso, a troca de ideias é valiosa: comprova que o mesmo texto pode ser lido de múltiplas maneiras. Você deve ajudar os jovens a desenvolver a habilidade de identificar as características explícitas no texto e ir além da descrição canônica. (NOVA ESCOLA, 2012, n. 251).

Conclusão

O contrato de comunicação que a revista *Nova Escola* instaura com o seu receptor-público é caracterizado pela posição de superioridade em que a revista se coloca – aspecto próprio daquele que ocupa a posição de Euc. no contrato midiático –, sobrepondo-se à posição do professor.

Nova Escola se apresenta como um periódico educacional, entretanto, sua diagramação e linguagem, assim como a possibilidade de aquisição em bancas de jornal, a assemelha aos produtos midiáticos que também possuem essas características. Além disso, *Nova Escola* é redigida por jornalistas, enquanto outros periódicos educacionais são escritos por professores, por isso a revista tem de recorrer frequentemente a citações de autoridades da área, a fim de adquirir credibilidade diante do público-receptor.

As concepções de leitura elucidadas nas edições da revista analisadas podem ser conceituadas como híbridas: ora a revista trata da leitura como hábito e *hobby*, ora assume uma postura mais próxima ao que os PCNs de Língua Portuguesa sugerem. A indefinição da posição político-pedagógica da revista quanto ao ensino de leitura pode causar confusão aos professores que compõem o seu público-alvo. “Nas revistas de Educação, mesmo que pareça implícito o compromisso com a verdade, é esperada uma tomada de posição.” (FRADE, 2011: 119).

A leitura concebida como hábito anula todas as possibilidades de reflexão e transformação que o ato de ler pode oferecer. O mesmo ocorre quando concebida como *hobby*, passando a ser categorizada como mais uma atividade de lazer, reduzindo a potencialidade de seus efeitos enquanto prática social, veículo de acesso e de construção de conhecimento.

Portanto, a abordagem de concepções divergentes de leitura que a revista *Nova Escola* propaga, a organização editorial de sua criação e circulação servem a fins eminentemente mercadológicos, e não pedagógicos. Dessa forma, pode-se concluir que a revista *Nova Escola* não deve ser considerada uma fonte de pesquisa, atualização e aprimoramento do professor, uma vez que o periódico não reúne elementos que o permita cumprir a função para a qual se destina.

Referências

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Secretaria de Educação Fundamental: Brasília, 1997.

CHARAUDEAU, Patrick. *Visadas Discursivas, Gêneros Situacionais e Construção Textual*. In: MACHADO, I. L. & MELLO, R. (orgs.). *Gêneros: Reflexões em Análise do Discurso*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004.

_____. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida L.; GAVASSI, Sigrid (orgs.). *Da Língua ao Discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

_____. *Linguagem e discurso: modos de organização*. Trad. Angela M. S. Corrêa e Ida Lúcia Machado. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. *Discurso das Mídias*. Trad. Angela M. S. Corrêa. 2 ed. 1 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa*. 8 ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FRADE, Isabel Cristina A. da S. Revistas pedagógicas: Qual é a identidade do impresso? In: BATISTA, Antônio Augusto G. & GALVÃO, Ana Maria de O. (orgs.). *Leitura: práticas, impressos, letramentos*. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. p. 105 -126

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 3 ed. São Paulo, Ática, 1997.

NÓVOA, A. A Imprensa de Educação e Ensino: concepção e recepção do repertório português. In CATANI, D. B.; BASTOS, M. H. C. (org.) *Educação em Revista. A imprensa periódica e a história da educação*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. p. 11-31.

RAMOS, M. E. T. *O ensino de história na revista Nova Escola (1986 – 2002): cultura midiática, currículo e ação docente*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009. Disponível em: <http://www.ppge.ufpr.br/teses/D09_ramos.pdf> Acesso em: 03/01/2014.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*. 6ª ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1992.

SILVEIRA, F. R. *Um estudo das capas da revista Nova Escola: 1986-2004*. Campinas, 2006. 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000380842>> Acesso em: 03/01/2014.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

Referências Bibliográficas do Corpus:

CALHADO, Cyntia. Ler por prazer no ritmo do cordel. *Nova Escola*, São Paulo, n. 243, jun./jul., 2011. Disponível em: < <http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-1/ler-prazer-ritmo-cordel-636143.shtml>>. Acesso em: 03/01/2014.

FERNANDES, Elisângela. Bibliotecas escolares: livros tão, tão distantes das mãos dos alunos. *Nova Escola*, São Paulo, n. 252, maio, 2012. Disponível em: < <http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/bibliotecas-escolares-livros- tao- tao- distantes- maos- alunos- 687661.shtml>>. Acesso em: 03/01/2014.

MEIRELLES, Elisa. Literatura, muito prazer! *Nova Escola*, São Paulo, n. 234, ago., 2010. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/literatura-muito-prazer-584195.shtml>>. Acesso em 03/01/2014.

SCAPATICIO, Márcia; VICHESSI, Beatriz. Ler é diferente de contar histórias. *Nova Escola*, São Paulo, n. 251, abr., 2012. Disponível em: < <http://revistaescola.abril.com.br/creche-pre-escola/ler-diferente-contar-historias-683010.shtml> >. Acesso em: 03/01/2014.